
Uma análise epistemológica da consciência religiosa intersubjetiva

CARLOS H. CERDÁ¹

Grande parte da vida sociorreligiosa que os cristãos exteriorizam e objetivam ao interagir com Deus através da adoração congregacional requer uma análise interpretativa. O sentido religioso que o cristão encontra no ritual de adoração, baseado na consciência religiosa intersubjetiva bíblica da relação dialógica Deus-homem, permite avançar na compreensão da formação e conservação de fé, isto é, na construção e atualização de uma *consciência religiosa intersubjetiva*. Para isso, o presente artigo usa o método teológico de Bernard Lonergan e os quatro níveis de consciência (empírico, intelectual, racional e responsável), conectado com o modelo pastoral de *ver, julgar e agir*; e com os três tipos ideais de Jürgen Habermas sobre o perfil ético-profissional do cientista social (técnico, prático e dialógico).

Palavras-chave: Consciência religiosa intersubjetiva; Níveis de consciência; Consciência bíblica.

Much of the socio-religious life that Christians externalized and are intended to interact with God through congregational worship requires an interpretative analysis. The religious sense that the Christian finds in ritual worship, based on the biblical religious consciousness of intersubjective dialogic relationship God-man, up through the understanding of the formation and preservation of faith, that is, in building and updating an inter-subjective religious consciousness. In order to do this, the present article uses the theological method of Bernard Lonergan and the four levels of consciousness (empirical, intellectual, rational and responsible), connected with the pastoral model to see, judge and act; and the three ideal types of Jürgen Habermas on

.....
¹ Doutor em Sociologia pela Universidad Adventista del Plata. Licenciado em Teologia pela Universidad Adventista del Plata. Professor e secretário de Extensão da Universidad Adventista del Plata.

the ethical and professional profile of the social scientist (technical, practical and dialogical).

Keywords: Religious inter-subjective consciousness; Awareness levels; Biblical consciousness.

A existência de um âmbito da vida social que é objetivo e susceptível de ser medido não pode ser questionado.² Porém, grande parte da vida sociorreligiosa que os cristãos exteriorizam e objetivam (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 84) ao se relacionar com Deus, através da adoração congregacional, requer uma análise interpretativa para podermos dar explicações aproximadas a fenômenos dos quais não podemos ter acesso apenas com o método das ciências naturais aplicado às ciências sociais (positivismo).

O religioso se perguntaria como pode-se pretender medir o *ver*, o *julgar* e o *agir* do Espírito Santo na congregação? Ou, como pergunta Isaías: “Quem guiou o Espírito do Senhor? Ou, como seu conselheiro, o ensinou?” (Is 40:13). No entanto, o silêncio religioso que o cristão encontra no ritual da adoração baseado nas Escrituras permite avançar na compreensão da crença na obra do Espírito na formação e conservação da fé, isto é, na formação da *consciência religiosa*.

Em resposta a essas questões, recorreremos a alguns aportes da antropologia interpretativa simbólica de Clifford Geertz e da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur. Buscaremos também compreender o fenômeno espiritual implementando o método teológico de Bernard Lonergan e seus quatro níveis de consciência (empírica ou sensível, intelectual, racional ou ética, e responsável ou afetiva), conectando-o também com o modelo pastoral de *ver, julgar e agir em consequência*³ e os três tipos ideais de Jürgen Habermas sobre o perfil ético-profissional do cientista social (técnico o especialista, prático e emancipador o dialógico) (veja a tabela 1).

.....

² Este artigo foi traduzido do espanhol por Lizbeth Kanyat de Novaes.

³ Esse modelo parece ter sido implementado inicialmente na Europa, no início do século 20 pelo sacerdote belga Joseph Cardijn no Jóvenes Obreros Católicos, e foi adaptado por outros movimentos cristãos, como a teologia da libertação.



Tabela 1: Níveis de consciência religiosa na perspectiva teológica pastoral e cientista social

Modelo teológico (Níveis de consciência segundo Bernard Lonergan)	Modelo pastoral	Modelo de Ciências Sociais (interesse cognitivo segundo Jürgen Habermas)
Empírico ou sensível (Primeiro nível)	Ver	Técnico ou especialista
Intelectual (Segundo nível)		
Racional ou ética (Terceiro nível)	Julgar	Prático
Responsável ou afetiva (Quarto nível)	Agir	Emancipador ou dialógico

Consciência empírica e intelectual na fase do ver com interesse técnico

A hierofania⁴ (do grego *hieros*, sagrado, e *faneia*, manifestar) se refere a uma tomada de consciência da manifestação do sagrado, do qual deriva a “autoridade” que varia segundo o tipo de religião e que explica a aceitação da fé pelo crente e a incorporação de uma cultura religiosa no seu estilo de vida. Por exemplo, na época dos apóstolos, existiam em Israel partidos distintos ou movimentos judeus, como os fariseus, cuja ênfase estava na lei ou Torá (objeto de estudo), de onde derivava a autoridade e, portanto, os tornava legalistas; os essênios, por sua parte, estavam centrados na pureza ritual que os separava do resto da sociedade; no caso dos saduceus, que tinham como foco o templo e sua liturgia, mas como os anteriores não perceberam o Messias como sujeito essencial na religião (Jo 1:11) por ser outro o foco de sua consciência religiosa.

Hoje existem padrões similares, pois, se a religião é trivial, o foco de sua consciência estará no rito que prevalece sobre o doutrinário; se é carismática, se centra

.....

⁴ Termo cunhado por Mircea Eliade em *Tratado de história das religiões*.

no magnetismo e na personalidade do líder; se trata-se de uma religião sacerdotal ou pastoral, será burocrática, centrada na ordem da estrutura. Da mesma forma, o modelo “especialista” das ciências sociais, no plano epistemológico da representação positivista das ciências naturais, impulsiona atitudes fragmentárias e coisificadoras do fenômeno religioso sobre uma ética ou consciência religiosa de neutralidade axiológica que lhe impede de perceber a essência da religião. Se a religião for bíblica, a consciência religiosa do crente se centralizará na autoridade de Jesus Cristo revelada nas Escrituras (veja a figura 1). O apóstolo Paulo afirma, na Epístola aos Romanos, que a fé genuína deriva das Escrituras ao destacar que “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17) e que esta é inspirada pelo Espírito Santo (2Tm 3:16). Portanto, este estudo tem como pressuposto a participação ativa de Deus, que, mediante as Escrituras, influencia a formação da consciência religiosa.

92

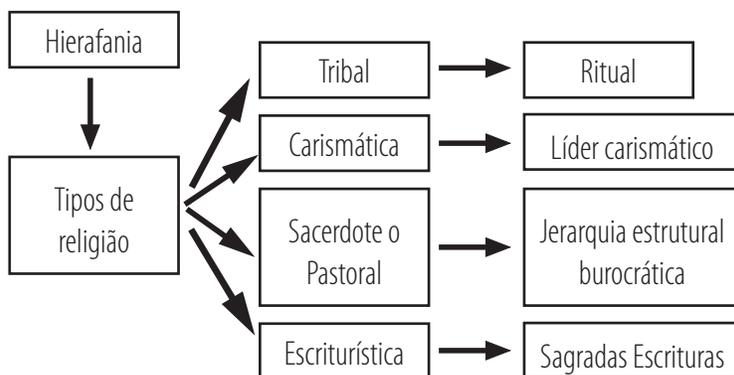


Figura 1: consciência empírica sensível e intelectual na fase de ver

Aplicando o método Lonerganiano, a pessoa primeiramente *atende* a Palavra quando a lê ou lhe é apresentada na congregação (nível empírico); em um segundo nível de consciência, começa a *entendê-la* (nível intelectual); finalmente, passa a *atendê-la*, para então produzir um terceiro nível de consciência, que é precisamente o racional ou ético, quando a julga e a verifica como inspirada pelo Espírito Santo e, portanto, de autoridade divina.

Analisar isso a partir de uma metodologia teológica, ou níveis de consciência segundo Lonergan, implica que os cristãos podem ver empiricamente o que acontece no ritual. O termo *ver* significa “perceber pelos olhos dos objetos mediante a ação da luz”. Porém, assim como a perspectiva empírica é necessária à luz que ilumina o objeto e conscientiza o indivíduo de sua presença prestando *atenção*, no segundo nível (o nível intelectual) é necessária a luz do Espírito Santo a fim de *entender* o ritual e não só *atender*



o que ali acontece (veja tabela 2). *Ver* também se refere a “perceber algo com qualquer sentido ou com a inteligência”; neste caso, o Espírito intervindo para que o membro entenda com inteligência espiritual (expressão do apóstolo Paulo em Cl 1:19). Sem a presença do Espírito, não podem compreendê-las, porque as coisas do Espírito “se discernem espiritualmente” (1Co 2:14). Além disso, Jesus destaca que ninguém pode conhecê-lo sem a obra do Espírito, pois “esse dará testemunho de mim” (Jo 15:26).

Tabela 2: Primeiro e segundo nível de consciência religiosa na perspectiva teológico pastoral e cientista social

Modelo teológico (Níveis de consciência segundo Bernard Lonergan)	Modelo pastoral	Modelo de Ciências Sociais (interesse cognitivo segundo Jürgen Habermas)
Empírico ou sensível (Primeiro nível: atende)	Ver (atende e entende)	Técnico ou especialista
Intelectual (Segundo nível: entende)		

Consciência racional na fase de julgar com interesse prático

Para o antropólogo Clifford Geertz, a perspectiva religiosa aceita se conserva ou mantém no ritual ou conduta sagrada, através da qual se manifesta a convicção de que as concepções, cosmovisão ou doutrinas religiosas são verídicas. Portanto, é na atividade “ritual” organizada onde se encontra e reforça mutuamente três aspectos fundamentais:

Os estados de ânimo; pois, para o cristão bíblico, Deus “faz forte o cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor” (Is 40:29). As motivações de identidade e unidade religiosa em Cristo que o Espírito Santo induz através dos símbolos sagrados, pois o significado etimológico de *simbólico* é aquilo que “aproxima unindo”; o oposto de simbólico é diabólico, cujo significado é “aquele que separa desgarrando”. Portanto, fica evidenciado que o interesse prático da satisfação da pertença relacional estimula a consciência religiosa.

As concepções globais de sentido da existência humana. É na atividade “ritual” que se dá na congregação dos crentes organizados onde o mundo real (objetivo) e o mundo esperado (subjetivo) se unem em um jogo singular de formas simbólicas. Para Geertz (2005, p. 107), é nesse contexto de atos concretos de conduta religiosa onde emerge a convicção ou consciência religiosa, pois é considerada um fenômeno que se dá no ritual além do “papel que

desenvolve a intervenção divina na criação da fé²⁹. Pode-se observar aqui que o antropólogo se localiza no terreno de uma ciência social positiva, advertindo que manterá prudência diante da dimensão sobrenatural da fé, posto que não é mensurável desde a perspectiva positivista, nem tampouco lhe corresponde entrar nesse terreno, uma vez que o que interessa ao cientista social é encontrar resposta ao porquê da conservação da fé.

Uma vez que a autoridade do sagrado fortalecida pela relação ritual se efetiva na confiança, atitude da fé ou consciência do crente, a perspectiva religiosa se aplica para dar resposta ao problema do sentido da vida, isto é, localizar o homem no universo respondendo a algumas perguntas sobre sua origem, seu fim e sua relação com todas as demais realidades. Trata-se do terceiro nível, ou nível racional, onde o crente *julga, verifica e organiza* — isto é, *compreende* o que tem *atendido e entendido* (veja tabela 3). Habermas, em *conhecimento e interesse*, deixa claro que é tarefa de uma crítica da ciência que ela escape aos enganos do positivismo e admitir o caráter “interessado” dela — ou seja, não há conhecimento neutro.

Além disso, há diversos interesses científicos: um é o técnico ou especialista das ciências empíricas, como já foi mencionado; outro é prático, orientador da ação pela sua compreensão de sentidos e comunicação intersubjetiva de *lebenswelt* ou mundo da vida da comunidade de crentes. Para Habermas, o mundo da vida e da ação comunicativa são conceitos “complementares”, embora a ação comunicativa possa ser considerada como algo que ocorre dentro do mundo da vida e em um contexto, sistema ou cosmovisão generalizada determinada. Nas suas palavras:

O mundo da vida é o lugar transcendental onde se encontra o falante e ouvinte, onde o modo recíproco reclama que suas suposições se encaixam no mundo [...] e onde podem criticar ou confirmar a validade das pretensões, pôr em ordem suas discrepâncias e chegar a acordos (HABERMAS, 1987, p. 126).

Tabela 3: terceiro nível de consciência religiosa na perspectiva teológica, pastoral e cientista social

Modelo teológico (Níveis de consciência segundo Bernard Lonergan)	Modelo pastoral	Modelo de Ciências Sociais (interesse cognitivo segundo Jürgen Habermas)
Racional ou ético (Terceiro nível: compreende)	Julgar (verifica e organiza)	Prático



Geertz, como cientista social e não como teólogo, analisa como o homem aplica a religião para converter aquilo que o ameaça cada dia, que não entende, não suporta ou considera injusto, isto é, converte o *caos* em *cosmos*. Ao analisar a explicação do que não se entende, ele sustenta que, para a maioria das religiões, o viver acarreta suas complicações que trazem sofrimento, e a resposta da religião a esse problema no mundo da vida não é como evitá-lo, mas como suportá-lo. Diante da existência do mal, o antropólogo expressa que

a estranha opacidade de certos fatos empíricos, a bestial insensatez das dores intensas ou inexoráveis e a enigmática impossibilidade de explicar grandes iniquidades fazem nascer a inquietante suspeita de que talvez o mundo e, portanto, a vida do homem no mundo, carecem de uma ordem genuína, de uma regularidade empírica, de uma forma emocional e de uma coerência moral (HABERMAS, 1987, p. 126).

Perante esta afirmação positivista, Geertz (2005, p.103-104) sustenta que a resposta religiosa mediante símbolos é capaz de explicar os enigmas e até os paradoxos da experiência humana. No entanto, o religioso, cuja consciência se focaliza na autoridade de Cristo revelada nas Escrituras, encontra sentido e propósito para a existência de seu próprio mundo da vida compartilhado intersubjetivamente, crendo no que disse Jesus Cristo: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda verdade” (Jo 16:13), e o que enfatiza Paulo: “Depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa” (Ef 1:13).

95

Consciência responsável na fase do decidir com interesse emancipatório

Obviamente, a perspectiva bíblica não parte da ausência de perturbação estoica ou da negação da existência do mal, mas de um *hupomoné*, ou suportar responsável e esperançado na hierofania, ou manifestação do sagrado. Paulo, de seu *lebenswelt*, o expressa assim: “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também viver honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:11-13). Chega-se, assim, ao quarto nível, a consciência espiritual responsável do que se tem *atendido* (consciência empírica),

entendido (consciência intelectual) e *organizado, verificado* ou *jugado* (consciência racional). Assim, a perspectiva metodológica dos aportes teológico e sociológico pretende compreender o processo do desenvolvimento da consciência religiosa que ocorre no ritual religioso com o foco nas Escrituras com a participação ativa, segundo o *lebenswelt* intersubjetivo dos crentes bíblicos, embora não consiga todos os níveis de consciência em todos os congregados (veja a tabela 4).

Tabela 4: Quarto nível de consciência religiosa na perspectiva teológico, pastoral e cientista social

Modelo teológico (Níveis de consciência segundo Bernard Lonergan)	Modelo pastoral	Modelo de Ciências Sociais (interesse cognitivo segundo Jürgen Habermas)
Responsável ou afetiva (Quarto nível: decide)	Agir (responsável)	Prático Emancipatório ou dialógico

96

Habermas se preocupa com a racionalização do *lebenswelt*, ou mundo pela vida, porque implica uma comunicação cada vez mais racional. Crê que quanto mais racional o mundo da vida, mais provável é que a interação esteja controlada por uma “compreensão mútua motivada racionalmente”. Essa compreensão, o método racional para alcançar o consenso, fundamenta-se em última instância na autoridade do melhor argumento (RITZER, 1993, p. 508), o qual implica que no contexto da pós-modernidade e seu rechaço a todo tipo de autoridade, seria possível a aceitação da autoridade do melhor argumento.

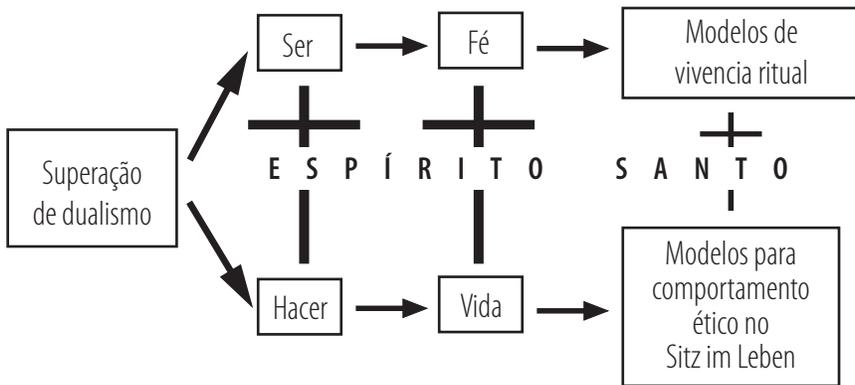
O falante e ouvinte entende-se desde e a partir do mundo da vida que lhe é comum (porque estava simbolicamente estruturado) sobre algo no mundo objetivo, no mundo social e no mundo subjetivo. Desta maneira, a ação comunicativa se baseia no consenso simbólico. No entanto, não estamos sugerindo que todo ato de fala seja ou deva ser ao mesmo tempo verdadeiro, reto, veraz, adequado e inteligível, mas que só trata-se de estabelecer que todo ato de fala pressupõe tais pretensões. Quando alguma delas resulta problematizada, dá-se lugar a uma forma específica de comunicação: o *discurso argumentativo*, cuja função é restabelecer a ação comunicativa entre os falantes, resolvendo o questionamento de uma determinada pretensão de validade (AUSTIN MILLÁN, 2000, p. 5).

Comprometer-se na relação comunicativa e dialógica e conseguir a compreensão de seus distintos elementos (mundo objetivo-cultura e social por um lado, e subjetivo ou



personalidade, por outro) conduz à reprodução do mundo da vida mediante o esforço da cultura, a integração da sociedade e a formação da personalidade (RITZER, 1993, p. 508). Contudo, à medida que o sistema com suas estruturas (entre elas, a religião) se desenvolve, se distancia cada vez mais do mundo da vida, exercendo maior governo sobre este e tendo cada vez menos relação com o processo da conquista do consenso, se convertendo em uma verdadeira ameaça. Destaca-se então que, segundo Habermas, o problema fundamental “é o modo de conectar satisfatoriamente as duas estratégias conceituais que mesclam as ideias de ‘sistema’ e ‘mundo da vida’ (HABERMAS, 1987, p. 151).

O teólogo bíblico interpreta que o crente que *atende, entende e reflete* acerca da autoridade divina, o abismo entre o ser e o fazer, entre *lebenswelt* e estrutura ou sistema, desaparece, e a única ponte que rompe com esse dualismo é Jesus Cristo, e só a influência do Espírito Santo na consciência humana pode fazer efetiva a superação do divórcio fé-vida. Isto é, a conquista da harmonia entre conduta religiosa no *lebenswelt* e a conduta secular na estrutura ou sistema. Paulo destaca que “Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13) (veja a figura 2).



Para Geertz, a resposta que explica essa inquietude a partir do fato religioso concreto é que a relação da fé que o crente mantém com a Divindade conserva-se pelo ritual, como ocorre com qualquer outra relação pessoal e social, por exemplo, a amizade pode conservar-se com atos ou gestos de amizade. Por isso, utilizando uma terminologia do cientista social, os rituais não são apenas “modelos de” vivência ritual da fé ou do que se crê e que só pode dar-se no culto ou na congregação dos crentes, mas também “modelos par” crê-lo no mundo da vida e que se refere à consequência da fé que se manifesta sobre todo o comportamento ético (HABERMAS, 1987, p. 108) exigido pela *consciência religiosa*. As cerimônias

religiosas devem manter ou conservar essa relação ou religião nos congregados, e quem coordena o ritual não só tem de vivenciar a fé ou modelos de vivência ritual, mas também compreender que longe de passar a se conformar a uma elite dirigente, burocrática ou estrutural com toda a problemática de tentações seculares e de poder que distanciam-se do sistema de *lebenswelt*, constituem funções de serviço no “modelo para” o comportamento ético exigido para a fé ou *consciência religiosa* bíblica formada pelo Espírito e focalizada em Jesus Cristo. Jesus disse: “Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4:23). Um exemplo de religião bíblica se dá no cristianismo primitivo, que a partir da hierofonia do apóstolo Paulo em sua Epístola aos Hebreus e em torno da crença da volta de Jesus, incita à participação dos rituais que se realizam quando os crentes se congregam (“modelos de” vida ritual). Paulo expressa da seguinte forma: “Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10:25). Insiste, inclusive, a manter um comportamento condicente com a fé (modelo para), dizendo: “Todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma” (Hb 10:38-39).

98

Por outro lado, Ricoeur assinala que o problema do mal não é só de índole especulativa, mas também que, para encontrar a resposta, é necessária a convergência do pensamento, a ação e a transformação espiritual dos sentimentos. Não se trata apenas de responder ao porquê de sua origem, mas também de responder com a ação à pergunta: o que fazer contra o mal? Ele apresenta a ideia de uma tarefa que é preciso cumprir, embora reconheça que o sofrimento sempre estará presente, pois todo mal cometido por alguém é um mal padecido por outro, ou seja, fazer o mal é fazer alguém sofrer. Para Ricoeur, portanto, há uma unidade entre o mal moral e o sofrimento. Tal unidade se recompõe com cada ato de violência, qualquer que seja (RICOEUR, 2007, p. 58-61). Enquanto Ricoeur busca compreender as transformações dos sentimentos a partir de Freud, Lonergan destaca a importância da autotranscendência, não necessariamente metafísica, ou seja, transcender em uma autêntica conversão na relação comunitária, enfatizando que caso esta não se dê nos distintos níveis (intelectual, ética e afetiva ou religiosa), se geram as variadas aberrações pessoais ou grupais, e alcançam o sentido comum de toda uma sociedade ou cultura religiosa que dá lugar ao absurdo social ou religioso, isto é, ao caos. Para que a conversão ética seja efetiva no mundo da vida, é necessária uma conversão afetiva que a acompanhe, pois a liberdade (emancipação segundo Habermas) não tem força nem perseverança para fazer o bem moral sem o “estado



dinâmico de estar enamorado”, como o expressa Lonergan (SCANNONE, 2005, p. 132-133). Portanto, a vontade do homem é como uma besta desbocada que, segundo o dizer do apóstolo Pedro, sempre resiste ao Espírito Santo (At 7:51). Contudo, Lutero sustenta que, uma vez feitos servos e cativos de Deus mediante seu Espírito, experimentamos a liberdade dos reis, de modo que queiramos e façamos gostosos aquilo que Ele mesmo quer (Lutero, *De Servo Arbitrio*, 1530)⁵. Isto implica que a consciência religiosa que forma o crente bíblico, leva uma liberdade responsável tanto na *lebenswelt* religioso quanto no sistema ou estrutura na que se desenvolve.

Considerações finais

Portanto, um homem religioso explica pela sua perspectiva religiosa o caos existencial do que não entende, não suporta ou crê injusto. Contudo, cabe resgatar que esse enfoque simbólico que sublinha o sentido da vida que a religião outorga, a necessidade do rito para viver a fé e a dimensão cultura da religião, não se deve descuidar o aspecto afetivo não subjetivo que se dá na intersubjetividade da relação (estado de ânimo e motivações) e que encontram particular presença na consciência religiosa baseada nas Escrituras. A consciência religiosa formada pela influência do Espírito Santo é empírica, e não mística: o cristão tem os pés sobre a Terra atento ao contexto; é intelectual, pois entende o significado espiritual do ritual; é *racional*, porque discerne a diferença entre o bom e o mal da perspectiva bíblica e é genuinamente responsável, permitindo que o Espírito elimine o duplo discurso ou dualismo em sua vida, pois o modelo da vivência ritual é claramente compreendido como um modelo para praticá-lo no mundo da vida como religião que não se centraliza no ritual, nem focaliza o carisma de alguma personalidade, nem a burocracia da estrutura eclesial.

Embora seja necessário que a *sã* convivência seja respeitada em um sistema ou estrutura, não pode se tornar o foco, pois seria um absurdo. Por outro lado, para o cristão bíblico, a consciência religiosa formada pela influência do Espírito em *lebenswelt* do ritual encontra sua plenitude quando seu ver especialista, seu julgar ou organizar prático e seu agir emancipador responsável, estão focalizados nas Escrituras, porque nelas “porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:21) e elas são as que dão testemunho de Jesus Cristo (Jo 5:39) (veja a figura 5).

.....

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/20PSYjf>>.

Tabela 5: Níveis de consciência religiosa na perspectiva teológica, pastoral e cientista social

Modelo teológico (Níveis de consciência segundo Bernard Lonergan)	Modelo pastoral	Modelo de Ciências Sociais (interesse cognitivo segundo Jürgen Habermas)
Empírico ou sensível (Primer nível: atende)	Ver (atende e entende)	Técnico ou especialista
Intelectual (Segundo nível: entende)		
Racional ou ética (Terceiro nível: compreende)	Julgar (verifica e ordena)	Prático
Responsável ou afetiva (Quarto nível: decide)	Agir (responsável)	Emancipatório ou dialógico

Referências

AUSTIN MILLÁN, T. **Dos momentos en la teoría de Jürgen Habermas**, 2000. Disponível em: <http://bit.ly/ZWZRSu>.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **La construcción social de la realidad**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1999.

GEERTZ, C. **La interpretación de las culturas**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2005.

HABERMAS, J. **Teoría de la Acción Comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.

MARZAL, M. **Tierra encantada**: tratado de antropología religiosa de América Latina. Lima: Editorial Trota, 2002.

RICOEUR, P. **El mal**: un desafío a la filosofía y a la teología. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007.

RITZER, G. **Teoría sociológica contemporânea**. Madrid: McGraw-Hill, 1993.

SCANNONE, J. C. **Religión y nuevo pensamiento**: hacia una filosofía de la religión para nuestro tiempo desde América Latina. Barcelona: Anthropos Editorial, 2005.